

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Francisco Barata

registada em 2009-02-09
por

Cláudia Simões e Carla Aguiar

Francisco Barata

Francisco Barata nasceu a 28 de Novembro de 1925, na aldeia da Mourísia. O pai era António Barata e a mãe era Maria da Assunção, trabalhavam no campo e criavam animais, para sustentarem cinco filhos. Francisco não tinha tempo para brincadeiras, tinha de guardar cabras e ovelhas e ir buscar molhos de mato. Quando a professora chegou à Moura, Francisco tinha 14 anos. Nas carteiras da escola, era em lousas que escrevia e recorda ainda os castigos da professora. Depois do exame da terceira classe foi trabalhar. Já adulto fez o exame da quarta. Foi nos bailaricos que namorou e, com 25 anos, casou com Maria Conceição Santos. Dos quatro filhos que tem vivos, três permanecem na sua terra. A sua vida foi “cavar a terra ao braço”, esteve um ano nas Minas e depois trabalhou na construção civil até aos 65 anos, altura em que regressou para junto da companheira. Nascido e criado na Mourísia, é na aldeia que pensa ficar.

Índice

Identificação Francisco Barata.....	4
Ascendência António Barata e Maria da Assunção.....	4
Infância "Molhitos de matos às costas".....	4
Educação A importância da escola.....	5
Religião A doutrina há muitos anos.....	6
Casa Uma casa à antiga.....	6
Namoro "Agora já nem pedem em namoro".....	7
Casamento "Ainda tenho o casaco do casamento".....	8
Descendência Os filhos ficaram na terra.....	9
Percurso profissional Uma vida de muito trabalho e sacrifício.....	9
Costumes Uma cultura riquíssima.....	10
Quotidiano "Querem comer bom, tem que se trabalhar".....	14

Identificação *Francisco Barata*



Francisco Barata (Setembro, 2000)

Chamo-me Francisco Barata. Eu não sei a idade que tenho. Agora na escrita está 28 de Novembro de 1925. O ano em que nasci foi em 1925. Aqui nesta aldeola, Mourísia. Era da freguesia de Pomares. Fui lá baptizado. Mas agora não, agora é Moura da Serra.

Ascendência *António Barata e Maria da Assunção*

O meu pai chamava-se António Barata e a minha mãe era Maria da Assunção. Trabalhavam na agricultura. Infelizmente naquele tempo era só cavar a terra para semear batata, milho ou feijão que era preciso durante o ano. Tínhamos animais. Criávamos um porquito ou uma porquita e tínhamo-lo durante o ano para colher carne.

Éramos cinco irmãos. Quatro rapazes e uma rapariga.

Infância "*Molhitos de matos às costas*"

Quando era pequeno não tinha vagar de brincar. De Verão vínhamos trabalhar. Pois, tinha que ser. Tinha as cabras para ir guardar e as ovelhas. Mas isso ainda era leve. Ora eu tinha 12 anos, já andava com uns molhitos de matos

às costas aqui por estas serras. É longe. Até sem nada se anda mal quanto mais carregado. Tinha de guardar o gado, ou ir buscar um bocadinho de mato para lhe botar. A gente tinha que ir buscar molhos de mato às costas aí em todo lado, caminhos de longe, para deitar aos animais à noite e de manhã. Depois estando o curral cheio, tirava-se aquele mato para a fazenda. Hoje já nem há cabras, nem há ovelhas, nem há nada. Nem há porcos. Acabou-se tudo.

Educação *A importância da escola*

"A professora já não nos queria aceitar"

Tinha 14 anos quando abriu a escola aqui na Moura. Esteve muitos anos que não havia escola, não havia professora e tal. Depois abriu aqui a escola na Moura. Chegámos lá a andar três irmãos na escola. Os mais novos foram mais tarde. Andaram depois de mim. Já eu lá não andava.

Eu, como estive muitos anos sem ter lá professora, só entrei para lá aos 14 anos. A professora já não nos queria aceitar. Era eu e mais dois, com 14 anos. Bem, lá me aceitou. Eu mais outro que lá andava, mais ou menos da minha idade.

"Andar ali de joelhos em cima dos grãos de milho"

A escola tinha umas carteiras seguidas. Quando entrei para lá, andávamos 38. Escrevíamos numas lousas de pedra que agora nem há disso. Numa pedra. A gente escrevia ali e apagava. Fazia mal tinha que apagar outra vez.

A professora até era boa. Ensinava bem a gente e tudo. Era boa professora. Nós éramos uns matulões, com 14 anos, com 15. Mesmo aos outros pequeninos, nunca lá vi bater. Dava-lhes era castigos. Ainda me lembro a uma rapariga, o castigo que lhe deu. Pôs-lhe lá um bocado de milho no chão e fê-la andar com os joelhos em cima daquilo. Aquilo magoa os joelhos. Os únicos que vi que ela fez lá foi a essa menina. Fazia uns castigos assim brutos. E elas tinham medo. Elas e eles. Com os joelhos tinha que andar a miudita ali em cima dos grãos de milho? De joelhos... Aquilo magoa. Daí por diante nunca mais fez castigos. Todas tinham medo de andar ali de joelhos em cima dos grãos de milho.

"Tínhamos que levar a buchinha às costas"

Tinha que almoçar na escola e pouco tempo havia para brincar. Tínhamos que levar o almoçozinho para lá comer, senão não comíamos. Agora nas escolas têm um almoço, mas nesse tempo não. Era chuva e vento, a gente a pé e tínhamos que levar a buchinha às costas daqui para a Moura para lá comer. Tinha que ir. Ainda levava meia hora daqui para a escola, para a Moura. Tínhamos que ir bem vestidos abrigados da chuva. E com um chapeuzinho. E muitas vezes o vento escavacava lá o chapéu. O vento é muito nestas serras. Há dias em que é ruim.

A gente ia daqui para a Moura. Daqui meia hora a pé, a chover e vento. Aqui ao alto da serra era a gente a querer ir para a frente e o vento ao contrário. Vento e chuva. E quando calhava a gente tinha uma roupazinha para mudar lá. Hoje é uma beleza. Hoje têm transporte, têm tudo. Agora naquele tempo...

Fiz até à terceira classe em dois anos. Fizéramos o examezito da terceira, nesse tempo. Com o examezito da terceira, a professora disse que tínhamos que sair que não podíamos lá andar. Depois a professora deitou-nos fora. Saíramos, tivéramos que ir trabalhar.

Vindo cedo da escola ainda tinha que ir deitar o gado fora um bocado. Havia muito tempo e ainda íamos fazer qualquer coisa. Isto aqui não é como na cidade. Temos que trabalhar para se comer, para ganhar de comer. Aqui não havia outros ganhos. Não havia reformas, não havia nada.

Mais tarde eu precisava do papelito para guiar. Precisava de tirar a carta de chofer. Diziam que não podia fazer o exame, tirar a carta sem ter o diploma da quarta. Tive que ir aos 36 anos para a escola para tirar o diploma da quarta. Lá tirei. Nem levou um ano. Lá fiz o examezito da quarta e depois tive de tirar a carta.

Religião *A doutrina há muitos anos*

Fui à doutrina quando era pequeno. A Pomares. Fui lá baptizado. Era duas horas para baixo e duas para cima. Hoje já ninguém quer andar a pé. Ir daqui da Mourísia para a Moura, quem pode andar bem vai meia hora. Já não são capazes de andar a pé. Já é de carro.

Foi há tantos anos que não lembra. Daqui a pouco já nem sei o Padre-nosso. Ainda era um padre que lá esteve 30 e tal anos. Era o padre João.

Casa Uma casa à antiga

A minha casa ainda está aqui na Mourísia. É uma comprida. Era uma casa antiga, porque não havia tanto dinheiro como há agora. Lá nasci, lá me criei até aos 25 anos. Depois casei-me.

As divisões eram a cozinha, uma sala e depois três quartos. A cozinha era à antiga. Tinha um bordo a toda a volta. Era mais fundo para livrar o frio onde estava a cozinha. Era queimar lenha ali para secar a castanhita, para a gente se aquecer e para secar o enchido do porco, ou da porca. Era assim.

Namoro "Agora já nem pedem em namoro"

A minha esposa era de cá da Mourísia também. Nasceu cá como eu e se calhar cá temos que morrer. Ou cá ou noutro lado. O namoro, namorava-se hoje e namorou-se sempre. Eu, pelo menos, era no bailarico. Eu ia para os bailes que agora já nem isso há. A gente ora ia para um lado ora ia para o outro. Era para onde calhava.

Então eu pedi, eles disseram logo que sim. Eles se calhar também estavam a vê-la a andar. Disseram logo que sim. Agora já nem pedem em namoro. É de qualquer maneira e feitio. Agora é diferente. Namoram só um dia, ao outro dia deixam-se. É como o casamento. Fazem o casamento hoje, ao outro dia deixam.

Namorámos foi pouco. Foi aí um ano ou nem isso.



Esposa, Maria Conceição Santos (Mourísia, 6 de Fevereiro de 2005)

Casamento "*Ainda tenho o casaco do casamento*"

Eu casei-me com 25 anos. O casamento foi cá na Mourísia. Naquele tempo pedia-se em casamento era com seriedade não é como agora. Agora casa-se hoje, amanhã toca a andar. É assim.

Íamos vestidos de qualquer maneira. Não íamos nus. Ainda tenho o casaco do casamento. Era preto. O casaco e a calça. Ela ia vestida também com um casaco e com uma saia. E uma blusa por baixo do casaco.

Depois da cerimónia fôramos almoçar. Comi diversas coisas. Havíamos de comer carne em dia de casamento. Parece que também foram doces. Lembrar, já não me lembro. É coisa que eu não como já há tantos anos. Infelizmente. Comiam uns doces. Arroz-doce e tigelada e mais outros doces que eu nem sei nada daquilo.

Fiquei a morar na mesma casa onde fui criado. Depois casou-se outro irmão e eu pensei em fazer a casa. Fui fazer uma casa para mim e fui para minha casa. É onde vivo agora.



Filho de Francisco Barata (5 de Agosto de 2006)

Descendência *Os filhos ficaram na terra*

Tenho quatro filhos vivos. Morreu um, o mais novo. Começou pelos mais novos. Ficaram cá todos na terra. Só o mais novo é que foi para fora.

Percurso profissional *Uma vida de muito trabalho e sacrifício*

"A minha vida era ter que cavar a terra ao braço"

Quando era o tempo de se semear o que era preciso tinha que se ir cavar um bocado. Era aquilo que calhava. Até de noite. Não havia horário. Era até se ver. Também ganhava dinheiro. Tínhamos que trabalhar para a casa. Eram os filhos, eram os pais, toda a gente tinha que trabalhar. Fiquei aqui até aos 25. Casei-me, tinha que estar aqui sempre.

A minha vida era ter que cavar a terra ao braço. Tive uma burra. Por acaso não perdi nela. Até ainda ganhei. Não fazia nada. Amassava o estrume. Então, quando calhava lá ia. O que me interessava mais quando eu comprei a burra, era para lavrar a terra. Depois disso já tive três tractores.

"Tínhamos que vir outras cinco horas a pé"

Fui para as minas já estava casado. Tinha uns 27 anos. Andei lá um ano. Para ganhar para fazer uma operação. Ou fazerem-ma. No fim de lá andar um ano, saí e fui operado.

Tínhamos que ir cinco horas a pé ao domingo. Ainda tínhamos que levar a comida para toda a semana. Gastávamos cinco horas daqui até lá às minas da Panasqueira a pé. Depois à sexta-feira vínhamos, tínhamos o sábado. Tínhamos que vir outras cinco horas a pé. A esposa tinha que criar os filhos e tinha que trabalhar nas fazendas. Eu só vinha ao sábado. Ao domingo tinha que abalar.

Depois é que foi pior. Fui para a construção civil. Isso, há tantas coisas ruins que eu passei no fim da vida, no princípio, no meio. A gente a trabalhar no duro, a molhar-se. Muitas vezes molhava logo de manhã as calças, só à noite é que as tirava. Enxugavam-se nas pernas. Assim as pernas hoje andam podres. E os mais trabalhos em trabalhos longe, na construção. Era a chover e tinha que se andar ali.

"Se eu vinha a casa todos os dias não ganhava para o chinelo"

No fim de me achar bom continuei na construção civil, mas já andei numa companhia em que andei lá uns 30 e tal anos. Corri o mundo inteiro quase, na construção. Comecei em Góis na fábrica do papel, depois de lá fui para a Alhandra na mesma companhia. Depois da Alhandra vou fazer um silo para o trigo ao pé de Estremoz. Uns silos para o trigo altos com 25 metros de altura. Andei na construção e depois andei por outras obras que era na mesma companhia. E diversas. A última que andei foi em Coimbra.

Dormia lá. A companhia tinha casernas para dormir. Andei no Alentejo, eu sei lá, andei para lá de Lisboa. Se eu vinha a casa todos os dias não ganhava para o chinelo. Vinha algumas semanas a casa, isso vinha porque eles pagavam as viagens.

Na Panasqueira era outra companhia, mas depois é que passei para aquela companhia onde andei uns 30 e tal anos. É a companhia Engil. Começou aquela companhia por uma mulher chamada Engil. Quando eu lá andei, conheci lá 11 engenheiros. Só 11 engenheiros que andavam nas obras. Depois em Coimbra foi a última obra que lá andei. Tinha que me vir embora. Já tinha a idade. Ofereceram-me 300 contos para eu me vir embora. Eu já me queria vir embora sem vir aquela massa. Foi logo. Eu reformei-me depois de um ano que saí lá da companhia. Tinha 65.

Voltei para a Mourísia, para ao pé da companheira que era minha companheira há 50 anos. Agora já é há 55. Já fiz as bodas de ouro.

Costumes *Uma cultura riquíssima*

"Gostavam de gordura com uma mão travessa de altura"

Eu o último porco que matei, gastei 30 contos só em farinha. Tinha-o um ano. Comprava sacos de farinha. Depois já não comprava mais nada. Os filhos não queriam a carne gorda. Ora eu gastei 30 contos só em sacos de farinha para o engordar e depois não queriam. Diz que faz mal, que faz mal. Eu era ao contrário. Gostava de gordura com uma mão travessa de altura. Hoje se virem aquilo enjoam. Não querem a carne gorda, só a fêvera, mas naquele tempo era assim.

A carne era salgada com sal. Punha-se na salgadeira dois ou três meses ou menos ou conforme. Para queimar para aquilo tomar aquele gosto. E eu muitas vezes até comia aquela carne curada do sal. Gostava daquilo. Hoje ninguém come daquilo.

"Aquilo não vale nada e ele não o pode cortar"

O Castanheiro da Memória é tal e qual como o Piódão. O Piódão também ganhou a fama. Engraçam com o Piódão. Aquilo é como isto aqui, é a mesma coisa. É como o castanheiro. O que é que aquilo tem? É um castanheiro. Se aquilo vale alguma coisa!

É de um irmão meu o castanheiro. Ele é que apanha as castanhas. Aquilo tem séculos. Bem sei eu. Estão ali quatro partes, no meio queimou, ardeu. Ainda ficaram aquelas quatro partes no pé que é o que sustenta o castanheiro por cima. O que é aquilo não vale nada e ele não o pode cortar. É dele, mas não o pode cortar. Não o deixam cortar.

"Nem o vinho presta quanto mais a água-pé"

Para se fazer o magusto tem que se comer castanhas. É como as assarem. Podem ser assadas no chão, com um bocado de caruma por cima. Depois mexem-se. Umas ficam queimadas, outras ficam mal assadas. Ou podem ser assadas num fogão. Tinham que as descascar senão não as comiam. Comiam, quem as tinha comia. Já há dois anos que há poucas. Algumas vezes juntavam-se. Outras vezes fazia cada um em sua casa.

Uma prova de água-pé não faziam. Nem o vinho presta quanto mais a água-pé. Era vinho. Tem sido sempre. Fazem cá vinhito, mas ele é somenos. Os cachos já são de má qualidade, como é que o vinho há-se ser bom? Ainda este ano chegou a cair a folha da videira e os cachos lá. Aquilo depois vem o frio, vem o gelo, já não amadurecem. Isto aqui é somenos.

"Quando os santos saem à rua vem uma música"

Aqui não há igreja. Até há duas capelas, agora igreja só na Moura e não é muito grande, mas chega para o pessoal. Os santos é Santo António na pequenina e é Senhora da Assunção na de baixo. Fazem cá uma festita. Como há em todas as terras. A festa que cá costumam fazer é em Agosto. Vem cá um padre dizer uma missa. Vem cá dizer uma missa num dia qualquer e quem a mandar cá dizer paga.

Agora quando os santos saem à rua vem uma música de qualquer lado para fazer a procissão. Chamam a procissão. Deve ser em todo o lado. Há anos que saem, outros anos não. Nem há música. Agora quando é uma festa só de baile e de comer e beber isso já é outra coisa. Naquele tempo havia. Aqui é uma povoação pequenita. Houve aí dois anos que eram dois bailes. Eram dois bailes que faziam aí.

A festa costuma ser em Agosto, em 20 de Agosto mais ou menos. É como a de Soito da Ruiva. É em quase todas as terras. Até se juntam. É a do Sobral Gordo com esta aqui e com as que se juntam. É a de Sobral Magro e a de Soito da Ruiva. Claro como é que as festas hão-se ser boas? Não juntam dinheiro porque fazem-nas todas na mesma altura.

Todos os anos tem um mordomo. É o mordomo da festa. Este ano é um, para o ano é outro, para o outro ano é o outro. Também não pode ser só um sempre porque aquilo ainda dá trabalho.

"Davam aquilo que queriam e que tinham necessidade"

No Natal não há pessoal para fazer festa, para fazerem uma fogueira e isso assim. Davam prendas. Quando era pequeno era sempre. O meu pai tinha bois, íamos buscar umas carradas de cepas aí para fazer a fogueira. Hoje nem há rapaziada para nada. Queimavam os cepos, assavam aí as chouriças. Matavam os porcos faziam as chouriças no fumeiro e depois assavam-se ali. Hoje não. Não há isso nem há rapaziada. Não há nada.

Também davam as Janeiras. Ainda havia aí rapaziada. Andavam a pedir as Janeiras de porta a porta. E todos davam. E pelos Reis também andavam a pedir. As Janeiras e os Reis. Davam aquilo que queriam e que tinham necessidade. Um dava uns chouriços, outro dava umas castanhas. Outro dava tal. Hoje nem há mocidade nem há nada. Só há mocidade para malandrices. É o que há.

"Querem a cõngrua, querem o folar"

Na Páscoa antigamente vinha o padre dar as boas festas. Ia de casa em casa, dava a volta. Agora até é diferente. Hoje até o padre arranjou um criado para fazer esse trabalho, para dar as boas festas. Querem a cõngrua, querem o folar. Eles lá sabem. Isso é sempre. Antigamente isso era obrigatório. Quem foi baptizado em Pomares deve saber disso. Todos os lares têm que dar um tanto. Dizem eles que é a ementa ou a cõngrua. Era o folar, era a cõngrua que era no fim do São Miguel. Era um alqueire de milho. Queriam um alqueire de milho. Agora já nem

cultivam milho. Têm que dar dinheiro. Quem quer dar, quem não quer... Eles têm um ordenado bom.

"Iam mascarados para não os conhecerem"

Pelo Carnaval e pelo Entrudo também andavam aí de Entrudos, alguns. Entravam aí nas casas e iam mascarados para não os conhecerem. Isso era pelo Carnaval, pelo Entrudo. Não faziam nada. Iam só visitar e davam ou não alguma coisa. Abalavam. Pelo Carnaval quando havia rapaziada faziam, mas agora não há aí nada.

"Temos cá dois marcos fontanários"

Antigamente tiravam os vasos e depois iam-nos pôr à fonte. Isso era para enfeitar a fonte. Este ano fizeram aí. Eles tinham que os ir tirar onde estavam mais perto. Não roubavam. Os donos depois é que tinham que lá ir buscá-los, que quem os ia tirar não os iam lá pôr. Temos cá dois marcos fontanários.

"Tinham que a lavar à fonte"

Antigamente tinham que lavar a roupa com sabão. Hoje parece que nem existem barras de sabão. Umas barras compridas. Hoje já é máquina e Tide e toca a andar. É mais fácil. Era preciso lavá-la bem, senão não ficava branca. Tinham que a lavar à fonte. Pois que remédio.

Um copo de vinho por 5 tostões

Houve cá um comércio que não adiantou nada. Só perdeu foi dinheiro. Houve um que ainda se aguentou algum tempo, no Soito da Ruiva. Esse é que ainda se aguentou lá uns anos. O Fontinha. Ele ainda é vivo. Mas está no Soito da Ruiva. O comércio que esteve aqui não adiantou nada. Não adiantou nada porque não há cá pessoal. O pessoal é pouco. Claro e perguntam sempre onde é mais barato. É como em todo o lado.

Vendia de tudo. No princípio era tudo. Era panos, era mercearia, era vinho, era aguardente. Era tudo. Cá havia tudo naquele tempo. E vinho ao copo. Eram alguns 5 tostões. Ah, pois era. Naquele tempo era caro para quem comprava.

Eu tinha que comprar a aguardente e comprava-a cara. Aqui não havia medronhos. Não há medronhos, não havia cá aguardente. Também tinha só

um freguês. Todos os anos tinha que arranjar 200 litros de aguardente de medronho que havia anos que não havia medronho. Não havia quem o apanhasse. Porque ele já fica caro a apanhar, depois ao fazer... Se não lhe arranjava aquela aguardente de medronho e lhe dava aguardente de bagaço já ficava arreliado. Pronto tinha que lhe dar de bagaço. Aguardente da bagaceira. Já ele ficava arreliado.

"Ir cortar o cabelo a um homem por um alqueire de milho todo o ano"

Eu para cortar o cabelo era conforme calhava. Tinha lá uma máquina e cortava-o a mim. Era eu que fazia a barba aí em diversos lados. Também não arranjei trabalho. Aqui na Mourísia fazia a barba a um freguês que precisasse, em qualquer dia. Começava aqui ao sábado. Houve muitos sábados que ia cortar a um senhor que tinha uma fazenda na Dreia. O padre que temos aí acho que até era lá família dele. Depois era o tio Manel Canhoto também ia lá muitas vezes. Estava deitado na cama. Também já tinha idade. Depois daí para o Sobral Magro, depois do Sobral Magro, Sobral Gordo que era a última Serra ao sábado. À sexta-feira ia por aqui fora, por esta serra fora direito à Castanheira da Serra. Depois vinha pelos Parrozelos, Moura. Ao domingo era a Moura. Cortar a barba, cortar o cabelo. Era com umas tesouras. Eu com uma tesoura e com máquinas. Foi uma vida velhaca. Depois aquilo, não dava. A gente ia daqui para Castanheira ou para o Sobral Magro para ir cortar o cabelo a um homem por um alqueire de milho todo o ano. Hoje eu para cortar o cabelo é logo 5 euros. É assim.

Quotidiano "*Querem comer bom, tem que se trabalhar*"

Agora faço agricultura na mesma para me entreter. Tenho que fazer alguma coisa. Tratar de umas couvitas para fazer a sopa. Tem que se fazer alguma coisa. Tenho cabras, ovelhas, agora ultimamente era só duas cabras. A mulher, tem lá duas galinhas. Isso é lá com ela. E uma gata. São os animais que tenho.

Querem comer bom, tem que se trabalhar. A reforma é pequena. Não chega. Não chega, tem que chegar, não há mais. A minha cabeça já não está boa para trabalhar.



Maria Conceição dos Santos e Francisco Barata numa viagem de autocarro